

MULHERES INVISÍVEIS: SALTOS QUE SE PRODUZEM PARA A VIDA

Leonardo Augusto Paulino

Doutor e Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano).

<http://lattes.cnpq.br/9738009772723642>; <https://lattes.cnpq.br/0009-0009-6373-0741>

<http://orcid.org/0009-0009-6373-0741>

E-mail: Leonardo.paulino@ifbaiano.edu.br

Neurisângela Maurício dos Santos Miranda

Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Técnica em Assuntos Educacionais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano).

<https://lattes.cnpq.br/4105559448109995>

<https://orcid.org/0000-0002-1404-4341>

E-mail: neurisangela.miranda@ifbaiano.edu.br

Ozenice Silva dos Santos

Doutora em Constituição do território pela Universidade do Porto – Portugal (U.Porto). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano).

<http://lattes.cnpq.br/7901339721762591>

<https://orcid.org/0009-0002-4349-1842>

E-mail: ozenice.silva@ifbaiano.edu.br

Jersica Moreira da Cruz

Graduada em tecnologia de Análise e Desenvolvimento de Sistemas pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR); Licencianda em Educação do Campo pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e Técnica em Meio Ambiente pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano).

<http://lattes.cnpq.br/3769731475512978>

<https://orcid.org/0009-0002-1795-0152>

E-mail: geucruz88@gmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N2>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N2-15>

RESUMO: Este texto funciona como uma experiência vivida e uma tradução das práticas realizadas no Projeto de Extensão “Mulheres invisíveis: saltos que se produzem para a vida”, do Instituto Federal Baiano – *Campus* Itaberaba. O relato dessa experiência busca traçar reflexões sobre sexualidades, identidades e subjetividades, temas abordados e sentidos durante as práticas realizadas com as garotas de programa de Itaberaba. Para o desenvolvimento do projeto foi necessário criar conexões sensíveis com as garotas, a fim de dinamizar e humanizar nossas ações, visto que, as meninas estavam em constante fluxo e movimento entre cidades da região. A partir dos encontros, após escutas sensíveis, oferecemos alguns momentos para produzirmos processos de visibilidade a um grupo social vulnerável, subvertendo os estigmas sobre a prostituição, oferecendo possibilidades de criação artística e consciência corporal para um grupo de mulheres, cada uma com sua história e suas vivências, contribuindo para a construção desse projeto de forma orgânica e auto-organizada. As ações do projeto foram realizadas em casas noturnas da cidade, postos de gasolina de grande circulação de transeuntes, onde encontramos as garotas, ouvimos suas histórias, realizamos trocas e conexões oferecendo práticas de consciência corporal, qualificação profissional e reflexões sobre saúde, direitos sociais, políticas públicas, relações entre corpo e ambiente, entre outros. A partir das escutas e narrativas das garotas colocamos em relevo o “ser prostituta”, suas demandas, seus anseios e

suas angústias. Uma possível tradução dos acontecimentos, movimentos e experiências vividas pelos participantes do projeto são descritas nesse texto como forma de arquivo vivo, também como movimento de subversão aos padrões normativos de nossa sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Garotas de programa. Extensão. Relatos. Experiências. Corpo.

INVISIBLE WOMEN: HEELS THAT ARE PRODUCED FOR LIFE

Abstract: This text functions as a lived experience and a translation of the practices carried out in the Extension Project “Invisible women: leaps that are produced for life”, at the Federal Institute Baiano – Campus Itaberaba. The story of this experience seeks to outline reflections on sexualities, identities and subjectivities, themes approached and felt during the practices carried out with the prostitutes of Itaberaba. For the development of the project, it was necessary to create sensitive connections with the girls in order to dynamic and humanize our actions, since the girls were in constant flux and movement between cities in the region. From the meetings, after sensitive listening, we offer some moments to produce processes of visibility to a vulnerable social group, subverting the stigmas about prostitution, offering possibilities for artistic creation and body conscience for a group of women, each with their own history and their experiences, contributing to the construction of this project in an organic and self-organized way. The project's actions were carried out in nightclubs in the city, gas stations with large circulation of people, where we met the girls, heard their stories, carried out exchanges and connections offering body awareness practices, professional qualification and reflections on health, social rights, public politics, relationships between body and environment, among others. From the listening and narratives of the girls, we highlighted “be a prostitute”, their demands, their desires and their anguish. A possible translation of the events, movements and experiences lived by the project participants are described in this text as a form of living archive, as well as a movement of subversion to the normative standards of our society.

KEYWORDS: Prostitute girls. Extension. Story. Experiences. Body.

DAMA DA NOITE, TODOS ME CHAMAM

Um pequeno ritual na frente do portão da Casa das Sete Damas inicia esse relato de experiência, de acontecimentos e vivências com mulheres, profissionais do sexo, vendedoras de prazer, durante uma jornada proposta pelo Projeto de Extensão “Mulheres invisíveis, saltos que se promovem para a vida”, desenvolvida no Instituto Federal Baiano – *Campus* Itaberaba.

O ritual realizado por Will, cafetão da Casa das Sete Damas, era uma oferenda para a abertura daquela noite. Memórias borram essas páginas, descrevendo sensações, lembranças, momentos vivenciados durante nossos encontros com as meninas, durante os encontros noite adentro nos postos de gasolina da cidade de Itaberaba, as luzes vermelhas neon, à beira da BR 242, as infinitas surpresas que a vida noturna revela.

Uma primeira surpresa chamava-se Luzia. Quando iniciamos o planejamento deste projeto, nossas expectativas talvez beirassem o encontro com um público de meninas jovens.

Ao encontrar Luzia, de 62 anos, durante um dos encontros propostos no posto Pumma, em Itaberaba/BA, todas as concepções rígidas que os organizadores do projeto tinham sobre esse público, começaram a fluir como a rapidez de uma carreta cruzando nossos olhos na BR.

Por algumas noites, montávamos um espaço nos postos de gasolina, um espaço acolhedor para uma conversa ou um café. Alguns tapetes, bancos, flores, espelhos. Um batom!

Luzia nos contou sua história. Dizendo que cruzava o Brasil na cabine de caminhões. Uma vida de liberdade. Uma vida de movimentos, de trânsitos, e com certeza, infinitas dificuldades. Parecia ter um prazer na fala de Luzia. Muitas meninas têm a mesma rotatividade que a vida propõe à Luzia. São nômades, transeuntes e às vezes, *flâneurs*. Garotas de programa movimentam as cidades. A maioria das meninas transita por cidades próximas, ficando no máximo quinze dias em cada local. Logo, nosso projeto precisava ter fluidez, acompanhar o tempo-espaço dessas garotas, em um ritmo efervescente, sempre em prontidão para o jogo que esses corpos ditavam. Luzia escreveu no espelho: “Eu me amo!”.

Ao lado do posto Pumma, existia uma casa noturna chamada Casa das Fadas. Em um primeiro momento e primeiro contato fomos até a casa durante a tarde. Sem sucesso, nenhum contato. Passamos a frequentar a casa durante a noite. Conhecemos o Will, que futuramente seria o cafetão da Sete Damas. Will conseguiu agenciar o encontro com as meninas antes do início da noite, algumas delas dispuseram-se participar de oficinas de maquiagem, dança e *pole dance*, mas logo foram embora da cidade. Novas metas, novas práticas, repensar nossas ações.

Algum tempo depois a Casa das Fadas fechou. Alguns tiros na porta em uma noite qualquer.

Will criou um espaço novo na cidade, a Casa das Sete Damas. Alguns poucos quilômetros de distância do *Campus* do IF Baiano em Itaberaba. As luzes da casa eram vistas de longe. Começamos a frequentar a Casa das Sete Damas em vários horários do dia, participar da rotina das meninas que se hospedavam ali por no máximo quinze dias. Esse era o tempo em que elas poderiam permanecer ali fazendo seus programas.

A primeira fase do projeto – *Políticas de Escuta* – foi um conjunto de ações de inserções *in situ* em que, antes das demais atividades, nos propusemos a escutar e registrar as primeiras narrativas das participantes do projeto, de modo que, a partir de gestos *otobiográficos* (escuta

da vida nos registros humanos) (MIRANDA, 2021), pudemos criar um grupo de garotas de programa para dar continuidade ao projeto.

Conhecer aquelas singularidades, saber suas histórias, seus desejos, o que as motivaram estar ali. Caroline, Jéssica, Jaqueline, Malu, Cassandra, Alicia, Rebeca, Laisa, Júlia, sem sabermos a diferença entre nomes verdadeiros e fictícios. Ali naquele salão onde mais tarde muitos homens chegariam para comprar prazeres, propomos algumas oficinas para as meninas no intuito de oferecer qualificação e outras atividades para além de suas profissões. Vale ressaltar, que este não é um movimento de retirar essas meninas de seu trabalho, mas que tenham a possibilidade de construir renda a partir de outras experiências e que, também, possam usar de seus corpos com mais consciência para o trabalho.

Criamos uma ponte entre o *Campus* do IFBaiano e as casas noturnas, levando para esse público vulnerável e estigmatizado, possibilidades de percepção e acolhimento de seus corpos, através de oficinas de maquiagem, de dança, de ecosaboard artesanal, de *pole dance*, de saúde corporal, criação de hortas, entre outras.

Todas as nossas práticas levaram em consideração a percepção dos corpos por parte das meninas, potencializando suas histórias, seus desejos, seus afetos e experiências. É através da percepção do corpo enquanto inte(g)ração que podem atingir processos de resistência contra as injunções sociais às quais estão submetidas, principalmente por serem garotas de programa. A re-existência só pode ser pensada com o corpo. A re-existência funciona aqui, como uma reinvenção de práticas para pensar a sexualidade e a identidade como processos movediços, em constante retorno, apontando para uma resistência contra as normatizações e categorizações, como também, para modos de existir, sentir e agir diferenciados, sempre provocando a ampliação das experiências como possibilidades de transformação.

A palavra experiência tem o ex de exterior, de estrangeiro, de exílio, de estranho e também o ex de existência. A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente “ex-iste” de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente (BONDÍA, 2002, p. 25).

Resistência é uma forma de reação e oposição, uma capacidade de recusa marcada pela solidez de aversão a determinado aspecto social. A proposta de re-existência é marcada pelo fluxo, como um caminho para ampliar e recriar os olhares sobre como se estabelecem delimitações que ficam enraizadas no passado. Re-existir criando diferentes comportamentos,

distintos hábitos, ou seja, modificar as disposições incorporadas pelos sujeitos ao longo do processo de socialização de sua existência. Somos convidados a repensar as camadas históricas e políticas que nos envolvem, somos atraídos para re-existir, buscando alterações em nossos pensamentos e ideologias, sem estipular, para que isso aconteça, começos nem fins, apenas meios, intersecções e conexões.

Muitas meninas participantes do projeto nunca tiveram momentos de percepção do corpo de forma extracotidiana, realizando alguma atividade física ou prática artística. Durante as oficinas, notamos a entrega das participantes ao explorar seus corpos, os limites de movimentos e as possibilidades de descobertas. Klauss Vianna, importante teórico da dança, instiga essa necessidade de possibilitar a ampliação da consciência:

[...] o que importa, sempre, é levar a consciência corporal até os alunos porque penso que bem mais importante do que conhecer o espírito é saber que o corpo existe, está aqui comigo e dependo dele para viver. Cada um começa a descobrir o próprio corpo, seu ritmo, e somente aí esse corpo pode começar a dançar, interpretar, expressar-se. Nisso não há nada de esotérico, divino ou coisa assim: quero apenas recuperar o lado lúdico do movimento (VIANNA, 2005, p. 139).

O corpo é, então, não um estabelecimento de algo superior, algo que envolve a universalidade, o pensamento ou a alma imortal, mas uma trajetória dinâmica pela qual aprendemos a registrar e a ser sensíveis em referência àquilo de que é feito o mundo. Não faz sentido definir o corpo, mas sensibilizá-lo para as relações do mundo (LATOURET, 2004).

Com o tempo, os corpos de garotas de programa têm sido cada vez mais virado do avesso, invadido, interferido e explorado por seus trabalhos. O corpo está sempre se alterando e se transformando de acordo com as experiências que as atravessam. O corpo é material significativo, produz e organiza ações que o afetam. O corpo está em relação com o mundo, e nunca poderão fugir desse lugar que é o corpo. Como falar do corpo? Procurando compreendê-lo como produtor de conhecimentos e experiências, como lugar do sujeito e não como um ideal do sujeito, “o sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos” (BONDÍA, 2002, p. 24).

Todas as coisas que existem não se justificam sem antes terem sido processadas pelo/no corpo. Pela experiência do somático se processam pluralidades que aos poucos concedem sentido àquilo que nos cerca, protagonizando uma integração entre corpo, mente e espírito, e, com isso, recriando diferenciadas formas de cuidado com o corpo.

Uma das oficinas propostas às participantes foi a oficina de cuidados corporais, mediada pelo enfermeiro do campus, Jairo Oliveira dos Santos. A oficina tinha como proposta falar sobre cuidados higiênicos e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, visto que, o público participante está em constante risco e necessita estar informado e atualizado.

Esse momento - *Políticas de saúde, movimento, integridade e performance corporais* consistiu no investimento em rodas de conversas e oficinas constituídas por ações formativas e performativas, as quais mobilizaram outras imagens, outras visibilidades e outras formas de explorar prazerosamente o corpo, como um território de direitos.

Nesse trajeto que fomos criando ao longo do tempo de desenvolvimento do projeto, fomos todos atravessados por uma multiplicidade de componentes de subjetividade, linguagens, valores e discursos que ofereceram contribuições para a formação de nossas identidades, de nossas ações no projeto e trocas entre os participantes. Um projeto intimamente comprometido com uma prática que busca a concessão de poder ao corpo, que causa inflamações nos discursos sólidos sobre a formulação da identidade e percepção da subjetividade.

Estivemos em uma encruzilhada de conhecimentos, escapando de delimitações e buscando outras frequências que suplementavam as necessidades de desenvolver uma reconfiguração ontológica a fim de repetir e validar termos mutáveis e transitórios. É a produção de uma abordagem outra, transgressora enquanto violação de princípios hegemônicos, e, concomitantemente, a legitimação de práticas concebidas em margens, com a expressão de minorias e marginalizados atravessando os centros de poder, ultrapassando os limites desses princípios, como, por exemplo, os corpos de garotas de programa ocupando o espaço do campus do IFBaiano durante as ações do projeto.

Esgotar todas as forças até chegar às contradições. Transbordar os limites de modo que essas memórias tragam confusões e tensões nos modos de nomeação e referência às prostitutas. As garotas de programa carregam em si uma potência, afirmando a liberdade do corpo como produção de conhecimento e prazer.

Pela conexão através do corpo, as oficinas resultaram em muitas discussões sobre diferença, sexualidade, sensibilidade, conexão, integração, vulnerabilidade. Um traço de marginalização compreendido enquanto lugar potente. A margem não delimita, ao contrário, é um além que confunde e até mesmo invalida oposições onde

[...] o limite é violentado, rasura-se, perde-se. [...] O fora e o dentro se reescrevem e não se separam. A margem e o “marginalizado”, o “disseminado”, o “suplemento” e a possibilidade de ser da escritura (re)compõem o texto; mais do que exteriores a ele, são o “interior do interior”, razão de ser da estrutura que se deixa ler dentro (e) fora da superfície significante (SANTIAGO, 1976, p. 57).

Sim, os corpos das meninas são deslizantes de uma norma, provocam fricções e tensões. O corpo multiplica as possibilidades de afeto no momento em que essas transformações tornam-se impulsos e *processos criativos* (PAULINO, 2020), e, como tal, ultrapassa as fronteiras. Nossa re-existência ainda é condicionada por sistemas, organizações e instituições, assim, é necessário criar uma fissura nos valores culturais predominantes e provocar reconfigurações sociais pelo fortalecimento do corpo como singularidade. Um processo criativo que se repete até causar afirmações de que “meu corpo já não é meu corpo, meu corpo é um corpo de afetações, corpo de relações, corpo que nasce furado pelo meio. O que pode esse corpo?” (ALCÂNTARA, 2011, p. 23).

A questão deleuziana - o que pode o corpo? - não se refere à atividade do corpo, mas se relaciona à sua potência que só é constituída a partir de uma ética do sujeito. O sujeito nesse caso amplia suas potencialidades ao criar, compor, inventar e fabricar novas hierarquias como uma necessidade existencial. Um *pathos*, paixão, excesso, passagem pela vida de maneira delicada. Possivelmente, é através da ampliação de suas percepções enquanto corpo vivo, integrado, experienciado e afetado que as garotas de programa podem produzir diferentes sentidos aos mecanismos de subjetivação.

Vivemos em uma sociedade cheia de incertezas e tensões quando refletimos sobre sexualidades e identidades, somos sujeitos das experiências, esses encontros com as participantes durante o desenvolvimento do projeto, atravessaram nossos corpos e o transformaram em um corpo de experiência: “somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação” (LARROSA, 2002, p. 26). A partir dessas relações, as identidades mostram-se com uma urgente necessidade de serem construídas e reconstruídas, inventadas e reinventadas, criadas e recriadas, de maneira a transgredir os rígidos padrões sociais que impõem formas e normas para o sujeito arquitetar-se e enquadrar-se em um modelo social.

AGENCIAMENTOS DE VISIBILIDADES

A partir da percepção do desejo emanando entre os corpos, criamos alguns caminhos metodológicos para a realização das práticas com as garotas. Para um maior aprofundamento nas experiências do projeto, compartilhamos a composição metodológica de cunho otobiográfico (DERRIDA, 2009; MONTEIRO, 2004) que se dividiu em três partes: Políticas de Escuta; Políticas de saúde, movimento, integridade e performance corporais e Políticas de corpo profissional. Cumpre ressaltar que toda a equipe responsável pelas atividades foi composta por mulheres, exceto um servidor que, incluindo-se no grupo LGBT, tem aproximações com o singular feminino, em especial por ser um artista e *drag queen*. Acreditamos que este perfil da equipe facilitou as imersões e compreensões das histórias de vida narradas pelas mulheres partícipes.

O conjunto dessas ações, abrangeu temáticas no campo da autonomia (ênfase na escolha do que se pode fazer com o corpo), cidadania (ênfase político), saúde, empoderamento (ênfase nas territorialidades, inclusive corporal), geração de renda (ênfase na economia solidária) e profissionalização da mulher.

Inserções in situ e efetivação de gestos otobiográficos: constituiu-se de programação de visitas nos lugares de maior incidência de acontecimento dos processos de prostituição. A ideia foi acessarmos algumas mulheres, e, a partir delas, realizar processos de escuta de suas narrativas de vida tecendo caminhos para aproximações. Nesta etapa (*in situ*), realizamos entrevistas livres para compreensão mínima das vivências de cada uma, registrando suas histórias de vida, saúde, formação e profissão (*gestos otobiográficos*), de modo que teríamos subsídios para traçar os perfis identitários constituintes da imagem e das demandas das *Damas da Noite*, desvelando as carências mais urgentes no âmbito da vulnerabilidade em questões de saúde, sexualidade, autonomia e renda, como parâmetros de coerência ao organizar as nossas ações, tanto no âmbito da seleção (maior nível de vulnerabilidade) quanto na efetivação das demais dimensões do trabalho proposto. Vale ressaltar que o processo de escuta esteve presente em todas as dimensões políticas do projeto.

Políticas de saúde, movimento, integridade e performance corporais: constituiu-se como uma programação de encontros dialogais coletivos de cunho político-(per)formativos, a partir da realização de **Rodas de Conversas**, **Seminários Formativos** e **oficinas de movimento, dança, performance, além de rodadas cinematográficas**, envolvendo temáticas no campo da autonomia, cidadania (ênfase político), saúde, empoderamento (ênfase nas

territorialidades) , geração de renda (enfoque na economia solidária) e profissionalização da mulher.

Atividades realizadas:

- RODAS DE CONVERSA: *Convers(ações)*

Espaços e tempos reflexivo-formativos para auxiliar na superação da desigualdade de gênero, incentivando a cultura da visibilidade, protagonismo e territórios da mulher em detrimento da cultura de não violência e submissão feminina, por meio de ações voluntariadas e contributas para autonomia, cidadania, saúde e empoderamento da mulher.

- RODADAS CINEMATOGRAFICAS: *O corpo em tela*

O cinema como possibilidade formativa a partir do seu potencial imagético e do seu potencial construtivo de relações entre as histórias de vida e as histórias fictícias, entre o real e o ideal, o sonho e o pesadelo propiciado pela sétima arte. A proposta foi discutir na interação com o cinema a relação da prostituição e da representação social. Entendendo que a representação social abrange a possibilidade de reestruturar a realidade para permitir a integração das experiências anteriores do sujeito, abrindo para o debate a discussão das normas e valores dos grupos sociais. Assim, as representações podem nos permitir construir sentidos e compreender a realidade por meio de nosso próprio sistema de referências e, portanto, pensarmos e repensarmos nosso lugar.

- OFICINAS:

Oficina de Maquiagem: *Poéticas do corpo: transcriando(me) outra.*

A maquiagem faz parte da transformação/transcriação do rosto, oferece a possibilidade de ser/estar outro, o ato de maquiar funciona como forma de ressignificar, representar, sentir, conhecer o próprio corpo. As participantes experimentaram diversas formas de sentir seu corpo através do ato de maquiar-se de uma maneira mais performativa, colorida, transcriadora e experimental.

Oficina de Dança: *No ritmo do tempo: Quanto (tempo) vale nosso corpo?*

O dançar pode fazer visível as mudanças e evoluções culturais e permite essas se confrontarem, produzindo, controlando ou censurando as novas atitudes de expressão de si. O corpo que dança desmembra paradoxos, rompe com o tempo e o espaço, separa elementos e recombina-os, jogando com esses elementos e fazendo proliferar sentidos. A história de nossas danças são também a história de nossos corpos, do tempo que dizem valer nossos corpos femininos e especificamente quanto (tempo) dizem valer o trabalho de uma prostitua. A força dos ritmos brasileiros, dos tambores dotados de ritmos, cercados de cantos, gestos, ritos e de expressividade corporal acabam por culminar em manifestações que não são estáticas e que são cheias de história.

Oficina de saúde corporal: Cuidados de si: atos do corpo pelo corpo

Os procedimentos de cuidados corporais, médicos, higiênicos e estéticos na construção das identidades pessoais, vêm historicamente culpabilizando a vítima. Trata-se de uma formação na qual o sujeito deve se autocontrolar, autovigiar, autogovernar - autocuidar. A proposta dessa oficina foi romper com essa compreensão restritiva de cuidado com a saúde incentivando uma prática de cuidado preventivo que é indissociável do trabalho sobre o corpo, com o corpo.

Oficina de Ecoperformance: (Eco)composições Corporais

A ecoperformance cria composições entre o corpo e o ambiente, através da dança, objetos e instalações, da fotografia e do vídeo, da aquarela e do desenho, em espaços não convencionais, como espaços públicos e paisagens naturais. Vale-se da (re)utilização de materiais alternativos para a construção de todos os processos da performance.

Políticas de corpo profissional

Curso: Ecosaboaria Artesanal

O Curso consiste na capacitação em técnicas de produção, armazenamento e conservação de cosméticos naturais e sabonetes artesanais, pautada em uma perspectiva ecológica de produção, com uso exclusivo de técnicas e produtos naturais e de baixo custo, sem perder de vista a inovação, a qualidade e a segurança, utilizando processos artesanais – objetivando proporcionar possibilidades de empreendimentos para o alcance da autonomia

financeira das participantes a partir da geração solidária de renda e potencialização dos arranjos produtivos locais, com foco em ervas e outros produtos inerentes à cultura local.

Artigos produzidos: ecosabonetes naturais com café, argilas, ervas medicinais, desodorantes naturais, toucas de chuveiro com sais naturais, óleos corporais naturais.

RASTROS DA NOITE

Os corpos, lutam por liberdade, licença de transitar e necessitam estabelecer relações de onde emanam devires que ultrapassam e desestabilizam normas. Cansados pela insistência de furar diversos modelos e ao mesmo tempo buscando revelar o somático enquanto força a-histórica, universal e revolucionária, alguns corpos querem permear espaços e temporalidades onde a norma já não ocupa lugar de representação: humanos necessitam de fluidez e dissolução das fronteiras. Esses corpos envolvem e dilatam percepções e sensibilidades na busca de olhares que evocam diferentes propostas e possibilidades de permanência no mundo.

Buscamos com esse projeto, reduzir o estado de vulnerabilidade das mulheres partícipes, contribuir para a diminuição de práticas de prostituição a partir da qualificação para outras formas de trabalho, atenuar os índices de doenças sexualmente transmissíveis pela falta de educação para a saúde corporal, bem como atenuar o índice de violência contra mulher profissional do sexo, no âmbito do município de Itaberaba, melhorando os índices de ações inclusivas do IF Baiano e colaborando para a elevação de estudos e práticas de respeito, justiça e valorização do estado de direito das profissionais do sexo.

REFERÊNCIAS

ALCANTARA, C. C. *Corpoalingua - performance e esquizoanálise*. Rio de Janeiro: Editora CRV, 2011.

BONDÍA, J. L. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Unicamp – Departamento de Linguística. Campinas, nº 19, 2002.

DERRIDA, J. *Otobiografías: la enseñanza de Nietzsche y la política del nombre propio*. Buenos Aires: Amorrortu, 2009.

LATOUR, B. *Como falar do corpo?* A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. IN: *Objectos impuros: experiências em estudos sobre a ciência*. NUNES, João Arriscado; ROQUE, Ricardo (orgs.). Porto: Rainho & Neves, 2008.

MONTEIRO, S. B. **Otobiografia como escuta das vivências presentes nos escritos.** *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 33, n. 3, p. 471-484, set/dez 2007.

MIRANDA, N. M. S. **Quando ousei narrar (me):** intradução otobiográfica de uma professoralidade. *Tese* (doutorado). Universidade Federal da Bahia. Salvador, Bahia: 2021. 256f.

PAULINO, L. A. **O que pode uma ecodrag?** Processos criativos “*cuier*”, potências de vida e poéticas *ecobiográficas*. *Tese*. Universidade Federal da Bahia – UFBA – 361 f.

SANTIAGO, S. *Glossário de Derrida*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

VIANNA, K. *A dança*. São Paulo: Summus, 2005.

Data de submissão: 25/04/2023. Data de aceite: 12/05/2023. Data de publicação: 16/05/2023.